

***Todas as cores da América:
A literatura multicultural***¹

João de Mancelos

Três capítulos do livro

Introdução:

A identidade étnica na nação multicultural

1. Os Estados Unidos da América como uma sociedade multicultural

Se pudéssemos viajar no tempo, recuando ao século XVII, e subíssemos o rio Hudson num navio, observaríamos pequenos aldeamentos e colónias, pontilhando as margens. Nestes lugares, situavam-se as primeiras comunidades holandesas, francesas, dinamarquesas, norueguesas, suecas, inglesas, escocesas, irlandesas, portuguesas e italianas, numa espantosa variedade étnica. Se regressássemos ao Atlântico e viajássemos rumo ao sul, poderíamos ver os primeiros escravos negros, labutando nas plantações de algodão, de sol a sol, e várias colónias de alemães e franceses (Jones 15).

Ao percorrer o continente para o interior, na direção do oeste, e ao transpor a fronteira (linha imaginária entre a civilização e as regiões por colonizar) deparar-nos-íamos com tribos ameríndias, reinando sobre as vastas planícies. Ao regressar ao leste, num passeio pelos pequenos portos e enseadas, ouviríamos falar português: centenas de judeus chegavam ao Novo Mundo, refugiados das perseguições da Inquisição no Brasil e em Portugal (Jones 15).

Dois séculos depois, o caleidoscópio étnico e cultural adquiria novos matizes: milhares de imigrantes das Balcãs e do Pacífico arribavam à terra prometida, a bordo de navios a vapor, mais rápidos e confortáveis do que os antigos veleiros. Juntavam-se aos alemães no oeste central, aos irlandeses no nordeste, aos escandinavos no Mississípi, aos franceses na Nova Inglaterra, aos asiáticos na costa oriental (Higham 14-15).

Se na Europa as nações se constituíam com base no triplo alicerce da mesma etnia, mesma língua, mesma cultura, nos Estados Unidos da América, as circunstâncias eram diferentes e espantariam os imigrantes do Velho Mundo. Por viajarem pelo território, os caçadores, os aventureiros e os militares estavam em condições privilegiadas para observar a

¹ Mancelos, João de. *Todas as cores da América: A literatura multicultural*. Lisboa: Colibri, 2015.

multiplicidade étnica e cultural. Foi o caso de Michel-Guillaume-Jean de Crèvecoeur (mais tarde conhecido por J. Hector St. John de Crèvecoeur), um francês que combatera no Canadá sob as ordens de Louis-Joseph de Montcalm-Gozon e que, mais tarde, exploraria, como cartógrafo, a região dos Grandes Lagos e do Rio Ohio, fixando-se numa quinta em Orange County. Crèvecoeur congeminou uma estratégia narrativa para explicar aos europeus a singularidade da jovem nação: escreveu uma série de cartas, assinadas por uma personagem ficcional, James, um agricultor norte-americano, dirigidas a um amigo inglês, F. B., que sentia curiosidade pelo Novo Mundo (Cunliffe 27).

A obra surgiu publicada em 1782, sob o extenso título *Letters from an American Farmer, Describing Certain Provincial Situations, and Conveying Some Idea of the State of the People of North America, Written to a Friend in England by John Hector St. John de Crèvecoeur*. Entre as várias questões, contam-se: “what is the American life like” (uma vida ordenada e pacífica, graças ao Iluminismo, argumenta James); “what is the life of an American farmer like in comparison to that of a European?” (o agricultor americano é mais próspero e independente, graças à democracia); e “What, then, is the American, this new man?”. James responde: “a mixture of English, Scotch, Irish, French, Dutch, Germans, and Swedes. (...) From this promiscuous breed, that race now called Americans have arisen”. Crèvecoeur utiliza três termos significativos, “mixture” e “promiscuous breed”, essenciais para compreender os EUA durante os séculos seguintes (Crèvecoeur 826).

O autor deteta ainda características sociopolíticas que ajudaram a definir o caráter do norte-americano: a América como refúgio (“This great American asylum”); o norte-americano como um trabalhador ambicioso (“The industry of his native country being displayed on a new manner: arts, sciences, ingenuity, fair cities, immense country, good roads”); a aparente igualdade entre os euro-americanos (“There are no aristocratical families, no kings, no bishops, no ecclesiastical dominions”); a tolerância na lei, por oposição à rigidez quase cruel da legislação inglesa ou francesa (“the indulgent laws”) (Crèvecoeur 823-828).

Por certo, esta conceção da sociedade norte-americana é imperfeita e enferma de diversos preconceitos discriminatórios e racistas. Repare-se que o entusiástico James não inclui no caleidoscópio as mulheres, os afro-americanos (na época, um quinto da população) e os ameríndios, vistos como tribos condenadas à extinção (Steinberg 3).

A carta de Crèvecoeur constitui um esboço da teoria do “melting pot”, segundo a qual o norte-americano seria o resultado de uma fusão entre etnias, de acordo com o modelo, tradições e língua do grupo dominante, o WASP (White Anglo-Saxon Protestant). Ao longo do tempo, pensadores como Harriet Martineau, De Witt Clinton, Lord Bryce, Herman Melville,

Israel Zangwill, Gunnar Myrdal e Louis Hartz subscreveram esta ideia que é, como referirei, incorreta (Sollors XXVIII).

A expressão “melting pot” seria popularizada pela peça homónima de Israel Zangwill (1908), na qual os EUA são vistos como o lugar onde “all races and nations come to labor and look forward” (Zangwill 184-185). A referida peça estreou-se numa época em que afluíam aos EUA numerosos imigrantes irlandeses, italianos, alemães e polacos. Só entre 1820 e 1920, mais de dezoito milhões de pessoas desembarcaram nos portos norte-americanos, desejosos de trabalho e de uma vida mais confortável (Gossett 306)

Alguns nacionalistas zelosos, os “nativists” temiam inclusivamente que os estrangeiros não se deixassem assimilar, mantendo laços férreos com os países de origem, e que a língua inglesa, a religião protestante, a democracia e o perfil étnico WASP estivessem em risco. Será que os portões dourados da América se abriam escancaradamente aos perigos externos? Um poema de Thomas Bailey Aldrich, publicado em *The Atlantic*, em 1892, denuncia estes receios:

Wide open and unguarded stand our gates
And through them presses a wild, a motley throng —
Men from the Volga and the Tartar steppes,
Featureless figures of the Hoana-Ho,
Malayan, Scythian, Teuton, Kelt, and Slav,
Flying the Old World's poverty and scorn;
These bringing with them unknown gods and rites,
Those, tiger passions, here to stretch their claws.
In street and alley what strange tongues are loud,
Accents of menace alien to our air,
Voices that once the Tower of Babel knew!
O! Liberty! White Goddess! Is it well
To leave the gates unguarded?
(Gossett 306)

A peça *The Melting-Pot* tenta aplacar os receios WASP, mostrando que os imigrantes mais não desejavam do que prosperar e contribuir para a grandeza da nova nação. O argumento centra-se na paixão entre o judeu David Quixano, um compositor talentoso, e Vera Revendal, filha de um barão que assassinara os pais e irmão de David durante um pogrom, um dos numerosos ataques massivos a judeus que marcaram a Rússia entre 1881 e 1884 (Klier e Lambroza XV-XVII). A persistência e o amor do músico levam-no a ultrapassar o ódio antigo, o desejo de vingança e a xenofobia que opõem as duas famílias. Na cena final, do alto de um telhado, David e Vera partilham a visão de uma sociedade multiétnica:

DAVID: [drops her hand and points downward.] There she lies, the great Melting Pot — listen! Can't you hear the roaring and the bubble? There gapes her mouth [He points east.] — the harbor where a

thousand mammoth feeders come from the ends of the world to pour in their human freight. Ah, what a stirring and seething! Celt and Latin, Slav and Teuton, Greek and Syrian, — black and yellow —
VERA: [Softly, nestling to him.] Jew and Gentile.
DAVID: Yes, East and West, and North and South, the palm and the pine, the pole and the equator, the crescent and the cross — how the great Alchemist melts and fuses them with his purging flame! Here shall they all unite to build the Republic of Man and the Kingdom of God. (Zangwill 198-199)

David permanece no imaginário da audiência como o “New Man” a que Crèvecoeur, séculos antes se referira, pois renasce nos EUA como um compositor de êxito, enquanto Vera, a revolucionária russa, emerge como uma mulher trabalhadora. Em suma, do texto dramático de Zangwill, infere-se que os ideais norte-americanos seriam absorvidos pelos imigrantes, através do casamento interétnico e da aceitação do modo de vida à imagem e semelhança do WASP.

No entanto, a História e a Demografia evidenciam que o “melting pot” ocorreu sobretudo entre os chamados velhos imigrantes, e numa escala mediana. A situação dos novos, chegados aos EUA entre 1881 e 1910, provenientes maioritariamente do sul e do leste da Europa, foi diferente: os italianos, croatas, sérvios, gregos e russos agruparam-se em bairros, preservaram costumes, festividades, religiões e pugnaram por manter a língua, através da imprensa étnica, por exemplo, ou do ensino em escolas comunitárias (Dawidowicz 158).

Em 1963, o sociólogo Nathan Glazer e o senador Daniel Patrick Moynihan elaboraram um estudo pormenorizado acerca das alterações no poder de vários grupos étnicos, da sua fixação em determinadas zonas da urbe, e da imagem que cada grupo tinha de si e procurava transmitir aos restantes. Nesse ensaio, intitulado *Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City*, os investigadores constataram que a sociedade norte-americana não constituía um “melting pot”:

The initial notion of an American melting pot did not, it seems, quite grasp what would happen in America. (...) As the groups were transformed by influences in American society, stripped of their original attributes, they were recreated as something new, but still as identifiable groups. Concretely, persons think of themselves as members of that group, with that name; they are thought of by others as members of that group, with that name; and most significantly, they are linked to other members of the group by new attributes that the original immigrants would never have recognized as identifying their group, but which nevertheless served to mark them off, by more than simply name and association, in the third generation and beyond. (Glazer e Moynihan 13)

Como facilmente se verifica, a sociedade norte-americana é multiétnica, multicultural, hifenizada. É certo que os grupos étnicos mudam, dinamicamente, através da interação diária

com as outras comunidades, mas não é menos verdade que preservam certos traços importantes da sua essência ou maneira de ser coletiva. Enquanto alguns membros se afastam e deixam ou desejam assimilar pelo atomismo WASP, outros assumem-se, orgulhosamente, como parte de uma etnia, que os ajuda a enquadrar-se na sociedade. Assim, reconfiguram-se em torno de interesses culturais, sociais, económicos e políticos comuns.

Usado para descrever esta realidade, o termo multiculturalismo surgiu pela primeira vez no *Times* de Montreal, em junho de 1959, e é utilizado por numerosos ensaístas, a par de expressões como “politics of difference”, “multiple traditions view”, “pluralistic democracy”, etc. Lawrence Fuchs opta pelo termo “kaleidoscope”:

‘Mosaic’, much more apt for pluralistic societies such as Kenya or India, is too static a metaphor; it fails to take into account the easy penetration of many ethnic boundaries. Nor is ‘salad bowl’ appropriate; the ingredients of a salad bowl are mixed but do not change. ‘Rainbow’ is a tantalizing metaphor, but rainbows disappear. ‘Symphony’, like a ‘rainbow’, implies near perfect harmony; both fail to take into account the variety and range of ethnic conflict in the United States. The most accurately descriptive metaphor, the one that best explains the dynamics of ethnicity, is ‘kaleidoscope’. American ethnicity is kaleidoscopic, i.e., ‘complex and varied, changing form, pattern, color’ (...). (Fuchs 276)

Agrada-me este termo, pois o caleidoscópio exprime mudança e permeabilidade de um grupo étnico às outras culturas, fruto do contacto quotidiano, sem que, no entanto, a identidade essencial do grupo étnico seja obliterada pelo WASP.

2. O que é a identidade étnica?

Esta questão é pertinente e as “identity politics” encontram-se no centro de inúmeros debates na sociedade, política e academia. Por isso mesmo, é importante precisar o sentido em que emprego esta expressão. Etimologicamente, o vocábulo etnia provém do grego “ethnos”, que significava os outros, e se aplicava aos estrangeiros da polis, com um sentido pejorativo. Esta negatividade foi retida durante centenas de anos: nos séculos XIV e XV, “ethnic” ou “hethnic” significava não cristão, com as conotações que tal epíteto assumia na mentalidade da altura (Sollors 25, 26). Nos anos quarenta do século passado, na linguagem vulgar, o termo apresentava ainda uma carga disfórica: “ethnic” era usado para designar os imigrantes mais pobres, sem emprego e presas do alcoolismo, mendicidade ou a prostituição (Gillespie 9).

Nos anos 80, ocorreu uma viragem, quando o vocábulo etnia se tornou recorrente na linguagem ensaística. Não é fácil encontrar uma definição completa e cientificamente correta

deste termo, mas é possível descrever etnia como um grupo de indivíduos que partilham das mesmas práticas culturais, língua, religião predominante, ancestralidade, história, relação com o espaço, valores, atitudes relativamente à sexualidade, formas de vestuário, etc. (Deng 1).

Esses aspetos conjugam-se para gerar a sensação de pertencer a um determinado grupo étnico, expressa pelo termo etnicidade, um conceito dinâmico, um sentimento de pertença a um grupo com certas características importantes comuns aos seus membros, um conhecimento da própria imagem, passado de geração em geração (Fischer 195-196)

A imagem de um grupo étnico não é estática, implicando, antes, vários processos dinâmicos. De facto, varia de acordo com o modo como esse grupo efetivamente é, ou gostaria de ser visto; a maneira como é percecionado, de forma correta, distorcida ou preconceituosa, pelo Outro; a relação harmoniosa ou disfórica entre a visão que o grupo tem de si e a visão que o Outro tem do grupo; as mudanças, em resultado das escolhas individuais e coletivas, do contacto com outros grupos, e de possíveis necessidades de adaptação.

Naturalmente, a convivência multiétnica resulta, por vezes, em conflitos, e questões como a discriminação, a igualdade de oportunidades ou o direito a preservar a sua cultura. Sobretudo a partir da década de setenta, estes aspetos continuam a ser acaloradamente debatidos na academia, nos meios de comunicação social, nos fóruns jurídicos, nos organismos governamentais e em organizações de defesa dos direitos civis (Gutmann 3).

3. Principais grupos étnicos nos EUA

Nos Estados Unidos, existem fundamentalmente cinco grupos étnicos: o ameríndio, o asiático, o afro-americano, o hispânico (que inclui os chicanos), o euro-americano. Naturalmente que cada um deles pode ser ainda subdividido: os ameríndios de acordo com as várias tribos; os asiáticos em americanos de origem chinesa, japonesa, filipina, ou vindos desses países, etc.; os euro-americanos em americanos de origem irlandesa, escocesa, alemã, etc.; os afro-americanos apresentam uma dificuldade de subdivisão maior, devido ao “melting pot” entre tribos, no contexto do escravagismo.

A identidade é, pois, um conceito complexo e delicado, que procurarei abordar, através de contos escritos por autores contemporâneos, vários deles ainda vivos e em atividade, pertencentes a diversas etnias. O meu objetivo será procurar descobrir como estes plasmam ficcionalmente o “sentido do nós”, nas suas personagens, locais, épocas e enredos. Ao mesmo tempo, revelo a imagem, por vezes disfórica, que cada grupo étnico possui do Outro.

Na globalidade, intersetando Literatura, História, Sociologia, Antropologia, entre outras disciplinas, procuro mostrar a dinâmica interétnica, numa nação complexa, por vezes em conflito, e sempre em mudança.

Bibliografia

- Crèvecoeur, Hector St. John. *Letters from an American Farmer* [1782]. New York: The New American Library, 1963.
- Deng, Francis. *War of Visions: Conflict of Identities in the Sudan*. Washington: Brookings, 1995.
- Fischer, Michael M. J. "Ethnicity and the Post-Modern Arts of Memory." *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Eds. George E. Marcus Clifford. Berkeley: U of California P, 1989. 194-233.
- Fuchs, Lawrence. *The American Kaleidoscope: Race, Ethnicity and the Civic Culture*. Hanover: Wesleyan UP, 1995.
- Gillespie, Marie (1995). *Television, Ethnicity, and Cultural Change*. New York: Routledge.
- Glazer, Nathan, and Daniel Moynihan. *Beyond The Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- Gossett, Thomas. *Race: The History of an Idea in America*. Oxford: OUP, 1997.
- Gutmann, Amy. "Introduction." *Multiculturalism*. Ed. Charles Taylor. Princeton: Princeton UP, 1994. 3-24.
- Higham, John. *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism*. New Brunswick: Rutgers UP, 1992.
- Jones, Maldwyn Allen. *American Immigration*. Chicago: U of Chicago P, 1992.
- Klier, John Doyle, and Shlomo Lambroza. *Pogroms: Anti-Jewish Violence in Modern Russian History*. Cambridge: CUP, 2004.
- Sollors, Werner. *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture*. New York: OUP, 1986.
- Steinberg, Steven. *Race and ethnicity in the United States: Issues and Debates*. Malden: Blackwell, 2000.

Capítulo 1:

O conto étnico norte-americano desde os anos setenta ao final do século XX

1. Temas do conto multiétnico

Na literatura dos Estados Unidos da América, os contos étnicos escritos por ameríndios, afro-americanos, asiáticos americanos, chicanos ou judeus, entre outros, constituem uma parcela rica e significativa da realidade multicultural. Tais histórias ecoam questões prementes tanto do quotidiano efémero como da história intersecta de indivíduos e comunidades.

Os autores destas narrativas exploraram uma série de temas delicados e, por vezes, até contenciosos: a procura da identidade singular e/ou comunitária; a dialética entre “roots” e “routes”, raízes e escolhas (Hall 4); a experiência da imigração e o ajuste a novas realidades; o hibridismo e os desafios levantados pela natureza bicultural; o relacionamento, por vezes conflituoso, entre imigrantes de primeira geração e os seus descendentes, já nascidos e educados na América; a discriminação étnica ou, ocasionalmente, dentro do próprio grupo, sobretudo com base no sexo e na idade; a interseção entre género, etnia e estrato socioeconómico; a dialética entre costumes, valores e modos de vida diferentes; a assimilação e aculturação, ou a resistência a tais processos; a reconfiguração e o dinamismo da comunidade face ao grupo étnico dominante, o euro-americano (La Belle e Ward 32).

Vista no seu conjunto, a tradição do conto multiétnico revela desafios transversais a indivíduos e a comunidades diversas, na sociedade norte-americana. Neste contexto, são obras não apenas de elevado interesse literário, mas também importante significado sociológico. Graças a estas narrativas, o leitor compreenderá em maior profundidade a vida e o pensamento de indivíduos e grupos tantas vezes relegados para a margem da sociedade.

As personagens ficcionais têm o condão de concentrar na sua singularidade características comuns a tantos indivíduos reais. As suas histórias, por vezes inspiradas em episódios biográficos dos autores, ajudam a construir uma visão diferente da narrativa da nação, feita de mitos, elipses e distorções (Bennington 121).

Refletindo acerca de toda esta multiplicidade, Molly Crumpton Winter afirma:

For over one hundred years ethnic American short stories have served to articulate the multiplicity inherent in American society. A stream of

writers from varied backgrounds writing multiple stories from unlimited points of view reflect a nation that is constantly in flux. From the immigrant writers at the turn of the twentieth century to the great numbers of contemporary first-, second- and third-generation authors explore the change and exchange of American society. From the South to the North, from reservations to cities, from rural poverty to cosmopolitan comfort, African American and American Indian writers convey the gravity of historical and personal transformations. (Winter 478)

2. Desafios ao cânone literário

O cânone literário sempre foi condicionado pelos grupos sociopolíticos no poder, que enalteceram autores e obras pactuantes, muitas vezes através de prêmios literários e da inclusão nos programas acadêmicos. Pelo contrário, textos que questionavam os valores dominantes foram sistematicamente ignorados ou excluídos do panteão das letras. Neste espírito, numerosas obras escritas por autores pertencentes às margens — mulheres, homossexuais, lésbicas, escritores de etnias minoritárias — foram negligenciados (Santos 17-25).

Durante e após a década de setenta, surgiu um intenso debate em torno do cânone, conhecido como “culture wars”, opondo, por um lado, conservadores como Allan Bloom, William Bennett ou Christopher Lucas, que pugnavam pela perpetuação do eurocentrismo e, por outro, pluralistas culturais, marxistas e feministas, todos empenhados numa alteração de paradigma. Graças a estes últimos, o cânone abriu-se, tornou-se numa imagem mais fiel da realidade multicultural norte-americana, e as margens puderam, por fim, ser alvo do interesse dos críticos e do público em geral (Denning 46).

Concomitantemente, desenvolveram-se os estudos étnicos no ensino superior, e a academia apostou nos Estudos Culturais, procurando perceber as obras não apenas *per se*, mas também no seu contexto. Para tanto, docentes, investigadores e estudantes recorreram à transdisciplinaridade, convocando os saberes da História, Sociologia, Ciência Política, entre outras áreas do saber.

Uma série de publicações e prêmios galvanizaram o interesse da nação: destacaria a atribuição do Prémio Nobel da Literatura ao escritor judeu americano Saul Bellow, em 1976; ao êxito das coleções de contos de autoras afro-americanas, como *Gorilla, My Love* (1972), de Toni Cade Bambara, e *In Love and Trouble: Stories of Black Women* (1973), de Alice Walker; ao volume *Aiiieeee! An Anthology of Asian American Writers* (1974), editado por Frank Chin, Jeffrey Chan, Lawson Inada e Shawn Wong; a duas obras de autores ameríndios, o eclético *Storyteller* (1981), de Leslie Marmon Silko, e *The Lone Ranger and Tonto Fistfight in Heaven* (1993), de Sherman

Alexie, etc.

São apenas alguns exemplos marcantes, entre tantos outros, de autores e obras que ajudaram a reconstruir o cânone literário, abrindo-o a novas vozes e a outras realidades do caleidoscópio cultural norte-americano.

3. Contos e ciclos de histórias: a pérola e o colar

Um leitor atento da literatura multiétnica não deixará de reparar que diversas coleções de contos constituem *ciclos de histórias*, ou seja, conjuntos de narrativas que podem ser interpretadas isoladamente, mas que ganham mais significado e expressividade quando percebidas no seu conjunto. Utilizando uma metáfora sugestiva, a escritora chicana Sandra Cisneros afirma que cada história é uma pérola, e a sua totalidade, um colar (Davis 6).

As diversas ficções individuais interligam-se através de temas recorrentes, personagens que reaparecem e protagonizam ou secundarizam os enredos, idênticos locais e épocas, estrutura semelhante, estilo próximo à oralidade, etc. (Davis 6). É o que sucede, por exemplo, nas obras *The Women of Brewster Place* (1983), de Gloria Naylor, *Love Medicine* (1984), de Louise Erdrich, *The Woman Warrior* (1975), de Maxine Hong Kingston, *The Joy Luck Club* (1989), de Amy Tan, *The House on Mango Street* (1984), de Sandra Cisneros, *The Lone Ranger and Tonto Fistfight in Heaven* (1993), de Sherman Alexie, entre outros.

Trata-se, pois, de um género híbrido, nem sempre estudado com a devida atenção, e com origem nas narrativas clássicas, como a *Odisseia* (século VIII aC), de Homero, *Metamorfoses* (8), de Ovídeo, *The Canterbury Tales* (século XIV), de Geoffrey Chaucer, por exemplo. Na época contemporânea, os ciclos de histórias ganharam relevo pela pena de Sherwood Anderson, William Faulkner, Ernest Hemingway ou J. D. Salinger (Davis 4-5).

Esta forma é particularmente adequada ao conto multiétnico, pois permite mudar os pontos de vista do narrador, perceber a perspectiva do eu e do Outro, do indivíduo e da comunidade, e incluir anedotas no sentido original do termo (episódios inéditos), e apontamentos biográficos dos autores mesclados com a ficção, como sucede nas obras que referi de Kingston, Cisneros ou Alexie, e que terei a oportunidade de analisar nas próximas páginas. Nas palavras de Mary Louise Pratt:

Such cycles do a kind of groundbreaking, establishing a basic literary identity for a region or group, laying out descriptive parameters, character types, social and economic settings, principal points of conflict for an audience unfamiliar either with the region itself or with seeing that region in print. (Pratt 187-88)

No mesmo espírito de fragmentação e próxima ao ciclo de histórias, surge a “composite novel”, um género híbrido, misto de conto e de romance, que se desenvolveu sobretudo durante o século XX. Tal como os contos e ciclos de narrativas, esta forma tem sido particularmente utilizada por autores pertencentes a grupos étnicos e pelas mesmas razões que referi.

Em particular, a partir da década de setenta, numerosas mulheres chicanas empregaram a “composite novel”, muitas vezes com cariz autobiográfico, para refletirem acerca da sua condição, moldada pela etnia; a dinâmica entre o indivíduo e o género; e o hibridismo genético, linguístico, cultural (Kelley 67). Entre os exemplos mais notáveis, destacam-se *The Last of the Menu Girls* (1986), de Denise Chaves, que conta, em sete histórias interligadas, a procura da identidade da jovem Rocío Esquivel; *Intaglio: A Novel in Six Stories* (1990), de Roberta Fernández, que cobre três gerações, focando-se na vida de Nenita e as lições aprendidas com as mulheres da família; a já referida *The House on Mango Street* (1984), de Sandra Cisneros, acerca da jovem Esperanza e a sua procura de uma casa, que constitui, num plano simbólico, o sentido da identidade.

Naturalmente que cada um dos autores referidos possui o seu próprio estilo e modo de estruturar as narrativas, mesmo quando abordam temáticas semelhantes, como o conflito de gerações, a discriminação ou a condição híbrida, por exemplo. Contudo, é impossível não relevar dois elementos comuns: a proximidade à linguagem oral e a inclusão de termos ou expressões pertencentes à língua ou linguagem específica do seu grupo étnico, seja o castelhano, o mandarim, o vernáculo afro-americano, ou o Hawaiin Pidgen English, por exemplo (Brown XVIII-XIX). Relevo um caso específico em que o autor, Isaac Bashevis Singer, decidiu escrever os seus numerosos contos, memórias e livros infantis sempre em ídiche, supervisionando a tradução para inglês. Quando confrontado com esta opção, respondeu: “I like to write ghost stories and nothing fits a ghost story better than a dying language. The deader the language, the more alive the ghost” (Oates 488).

Existe uma consciência de que o inglês é o idioma do outro, pelo que certas realidades e pensamentos só podem ser expressos ou, pelo menos, ditos com maior acuidade, através da própria língua. Trata-se, afinal, de uma celebração da diferença, através da partilha de algo que talvez só os leitores pertencentes ao próprio grupo étnico conseguem compreender cabalmente.

Este desejo de *ser quem se é* e não de *explicar-se a quem não se é* surge perfeitamente definido numa entrevista concedida pela escritora afro-americana Toni Morrison a Thomas LeClair:

I never asked Tolstoy to write for me, a little colored girl in Lorain, Ohio. I never asked Joyce not to mention Catholicism or the world of Dublin. Never. And I don't know why I should be asked to explain your life to you. We have splendid writers to do that, but I am not one of them. It is that business of being universal, a world hopelessly stripped of meaning for me. (LeClair, 1994: 124)

4. Contos selecionados e critérios de escolha

A seleção de autores e contos a abordar neste trabalho ensaístico revelou-se uma tarefa complexa, devido aos numerosos textos passíveis de análise. Este manancial traduz a proficuidade da escrita étnica contemporânea nos EUA e tomou-me de surpresa ao longo da pesquisa. Só por si, este dinamismo já constituiria um incentivo a que levasse avante o meu projeto.

Perante a vastidão do *corpus* ativo, recorri essencialmente a três critérios de escolha entrecruzados. Antes de tudo, atendi à qualidade literária das narrativas, muitas delas frequentemente antologiadadas; alvo de análise nos programas de unidades curriculares de todo o mundo; e da autoria de escritores distinguidos com prémios de prestígio, no seu país e no estrangeiro.

Em segundo lugar, elegi autores e autoras representativos dos diversos grupos étnicos que compõem o caleidoscópio norte-americano: afro-americanos (Toni Cade Bambara e John Edgar Wideman), asiáticos americanos (Maxine Hong Kingston, Hisaye Yamamoto e Amy Tan), ameríndios (Leslie Marmon Silko e Sherman Alexie), chicanos (Rudolfo Anaya, Sandra Cisneros e Helena María Viramontes), imigrantes ou descendentes de imigrantes (Bharati Mukherjee, da Índia, e Katherine Vaz, luso-americana). Todos eles assumem, com orgulho, a sua etnia e têm refletido acerca de temas e desafios comuns aos seus pares.

O terceiro fator que decidiu as minhas escolhas foi precisamente o conteúdo das narrativas, privilegiando contos que focassem questões direta ou indiretamente ligadas à identidade e aos problemas, específicos ou comuns a determinados grupos étnicos. Não é por acaso que a vasta maioria dos contos incluídos pertence às décadas de setenta e oitenta, quando tais questões emergiram não apenas na academia, mas também nos debates públicos levados a cabo pelos meios de comunicação social.

Bibliografia

Bennington, Geoffrey. "Postal Politics and the Institution of the Nation." *Nation and Narration*. Ed. Homi Bhabha. London: Routledge, 1990. 121-137.

- Brown, Julie. "Editor's Note." *Ethnicity and the American Short Story*. Ed. Julie Brown. New York: Garland, 1997. XVII-XX.
- Davis, Rocío G. "Identity in Community in Ethnic Short Story Cycles." *Ethnicity and the American Short Story*. Ed. Julie Brown. New York: Garland, 1997. 3-24.
- Denning, Michael. "Cultural Studies and the Thought Police." *O Cânone nos Estudos Anglo-Americanos*. Ed. Isabel Caldeira. Coimbra: Editora Minerva-Coimbra, 1994. 45-66.
- Hall, Stuart. "Who Needs Identity." *Questions of Cultural Identity*. Eds. Stuart Hall, and Paul Du Gay. London: Sage, 1996. 1-17.
- Kelley, Margot. "A Minor Revolution: Chicano/a Composite Novels and the Limits of the Genre." *Ethnicity and the American Short Story*. Ed. Julie Brown. New York: Garland, 1997. 63-84.
- La Belle, Thomas J., and Christopher Ward. *Ethnic Studies and Multiculturalism*. New York: SUNY, 1996.
- LeClair, Thomas. "An Interview with Toni Morrison." *Anything Can Happen: Interviews with Contemporary American Novelists*. Urbana: U of Illinois P, 1983. 252-261.
- Oates, Joyce Carol, ed. *The Oxford Book of American Short Stories*. Oxford: OUP, 1994.
- Pratt, Mary Louise. "The Short Story: The Long and Short of It." *Poetics* 10 (1981): 175-194.
- Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa. "Introdução: O Cânone nos Estudos Anglo-Americanos." Ed. Isabel Caldeira. Coimbra: Editora Minerva-Coimbra, 1994. 10-29.
- Winter, Molly Crumpton. "The Multiethnic American Short Story." *A Companion to the American Short Story*. Ed. Alfred Bendixen, and James Nagel. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. 466-478.

Capítulo 2:

A interseção entre poder económico e etnia em “The Lesson”, de Toni Cade Bambara

1. A conjuntura socioeconómica dos afro-americanos na atualidade

Em agosto de 2005, o ciclone tropical Katrina atingiu a cidade de Nova Orleães, a costa do Golfo, a Florida e o Texas, causando mais de 1800 mortos e provocando prejuízos materiais na ordem dos 100 milhões de dólares. Tornou-se assim, juntamente com o furacão Rita, uma das duas maiores tragédias climáticas de que há registo nos Estados Unidos da América (Palser 70). Os meios de comunicação nacionais e internacionais mostraram imagens apocalípticas de casas destruídas, mortos flutuando nas águas, sobreviventes à procura, desesperadamente, de ajuda, e criminosos assaltando residências entre os escombros.

Ao mesmo tempo, a tragédia revelou à opinião pública dos Estados Unidos e do mundo uma realidade até aí pouco conhecida: a situação de penúria em que viviam os afro-americanos das zonas afetadas. O presidente George W. Bush e o Governo Federal agiram tardiamente quer no apoio às vítimas da tragédia, quer na manutenção da ordem, no caos de saques e crimes. Como tal, foram alvo de críticas por diversas organizações humanitárias, gerando uma forte polémica em torno da questão racial.

Michael Eric Dyson e Paul Elliott, no livro *Come Hell Or High Water: Hurricane Katrina and the Color of Disaster*, comparam os negros de Nova Orleães aos escravos de Pompeia, que foram abandonados à morte pelos amos em fuga. No contexto do desastre, os autores do referido estudo colocam algumas das perguntas mais pertinentes que surgiram nos fóruns de debate políticos e no seio da opinião pública:

Why did the black and poor get left behind? What took the Government so long to get to the Gulf Coast, especially to New Orleans? What do politicians sold on the idea of limited governance offer to folk who need, and deserve, the government to come to their aid? Why is it that the poor of New Orleans, and, really, the poor of the nation, are hidden from us, made invisible by our disinterest in their lives? Why is it a surprise that they are in as bad shape as the storm reveals? (Dyson e Elliot XI-XII)

São questões pertinentes, embora, não de todo, inéditas. Ao longo de centenas de anos, a escravatura e o racismo institucional, a discriminação e a falta de oportunidades relegaram

os afro-americanos para a penúria. Segundo o recenseamento levado a cabo pelo Census Bureau, em 2005, a pobreza atinge 24,7% dos afro-americanos, ou seja, quase um em quatro negros, o que corresponde a um total de 9,4 milhões de indivíduos. As famílias mais atingidas, 58%, são encabeçadas pelas mães solteiras, muitas delas com filhos ao seu encargo, desempregadas e a sobreviverem à custa de subsídios da segurança social (Spriggs 14). São dados preocupantes, que colocam os negros como o grupo étnico mais desfavorecido nos Estados Unidos da América, e invertem a tendência de descida da pobreza, que se verificou nas décadas de sessenta e noventa (Spriggs 16).

Na opinião de William Spriggs, professor de Economia na Universidade de Harvard, várias razões concorrem para esta frágil condição socioeconómica. Desde logo, a mais importante reside no desemprego, devido à escassez de oportunidades nas zonas residenciais ocupadas pelos negros. Por outro lado, o baixo nível de escolaridade e a consequente falta de habilitações restringe os afro-americanos a tarefas mal pagas. Muitas vezes, os trabalhadores humanos são substituídos por mão-de-obra não especializada, dita noutros países, ou por tecnologia que os torna redundantes (Spriggs 19).

Em resultado disso, numerosos negros encontram-se dependentes do sistema social e de programas de apoio, não conseguindo elevar-se acima do nível de pobreza; outros procuram uma forma de sobrevivência à margem da lei, com as consequências sociais que tal acarreta (Spriggs 16). Deste modo, gera-se um ciclo vicioso, que contribui para reforçar o estereótipo do negro como pobre e perigoso, minando a autoimagem dos afro-americanos — uma realidade que, ao longo de décadas, escritores interventivos como Richard Wright, James Baldwin, Ralph Ellison, Toni Morrison ou Toni Cade Bambara, no conto que examinarei em seguida, não deixam de denunciar.

2. Dinheiro e cor em “The Lesson”

A narrativa “The Lesson”, de Toni Cade Bambara, incluída no volume *Gorilla, My Love* (1972), é uma das mais frequentemente antologizadas da autora. Nesta história, Sylvia, uma adolescente afro-americana, toma pela primeira vez consciência das assimetrias socioeconómicas que dividem negros e brancos, durante uma visita de estudo à famosa loja de brinquedos de luxo, F. A. O. Schwarz. Confrontada com esta realidade, Sylvia tece uma série de meditações e apresenta uma panóplia de sentimentos que incluem a surpresa, a indignação e a revolta. Nesse sentido, “The Lesson” aproxima-se de um “bulungsroman” ou, mais exatamente, de um conto que espelha o crescimento interior no decurso de um episódio específico (Chick 29).

Tudo principia quando Miss Moore se muda para Harlem, um bairro habitado essencialmente por afro-americanos, pertencentes às classes mais desfavorecidas. Esta mulher representa uma nova negra, com educação superior e sentido de responsabilidade cívico. Miss Moore destoa de tal forma dos outros residentes que Sylvia e a prima Sugar a ridicularizam, no tom vivo e vernáculo, que permeia toda a obra, e torna mais autêntico o discurso da narradora (Hudley e Mallinson 93):

Back in the days when everyone was old and stupid and young and foolish and me and Sugar were the only just right, this lady moved on our block with nappy hair and proper speech and no makeup. (...) Miss Moore was her name. The only woman on the block with no first name. And she was black as hell, cept for her feet, which were fish-white and spooky. (Bambara 87)

Devido aos seus estudos, Miss Moore voluntaria-se para tomar a seu cargo o ensino de um grupo de jovens, levando-os a eventos com interesse cultural. Os pais das crianças pactuam com esta proposta graças aos presentes que a recém-chegada lhes oferece, e que incluem doces, sacolas ou livros.

No dia focado no enredo, Miss Moore conduz um heterogéneo grupo de adolescentes afro-americanos — composto por Sylvia, Flyboy, Fat Butt, Junebug, Sugar e Rosie — numa visita a uma loja de brinquedos na Quinta Avenida, uma zona habitada sobretudo por euro-americanos de classe elevada. Sylvia expõe sarcasticamente a sua contrariedade:

So this one day Miss Moore rounds us all up at the mailbox and it's puredee hot and she's knockin herself out about arithmetic. And school suppose to let up in summer I heard, but she don't never let up. And the starch in my pinafore scratching the shit outta me and I'm really hating this nappy-head bitch and her goddamn college degree. I'd much rather go to the pool or to the show where it's cool. (Bambara 88)

O desinteresse dos jovens é óbvio: Flyboy espreita as lancheiras dos companheiros, Fat Butt, fazendo jus à sua alcunha, não resiste a devorar a sanduíche de manteiga de amendoim que estava reservada para o almoço, Junebug pede insistentemente batatas fritas a Q. T., Rosie Giraffe saltita de uma perna para outra. Por seu turno, Sylvia, sendo uma adolescente imaginativa, refugia-se no seu mundo, evitando enfrentar a realidade, que sabe ser-lhe adversa. Sonha, acordada, em nadar na piscina pública ou em conhecer rapazes interessantes no metropolitano.

Contudo, Miss Moore não se deixa desencorajar pela falta de empenho do pequeno grupo e indicia que o dinheiro constituirá o tema da sua lição informal:

So we heading down the street and she's boring us silly about what things cost and what our parents make and how much goes for rent and how money ain't divided up right in this country. And then she gets to the part about we all poor and live in the slums which I don't feature. (Bambara 89)

No interior do táxi, Sylvia permanece alheada da realidade: pensa em como poderia gastar de forma mais proveitosa o troco da fatura a pagar ao condutor, enquanto encena um plano de fuga, em plena viagem, apeando-se no próximo semáforo. Só parece despertar para o mundo quando observa, na Quinta Avenida, os euro-americanos bem vestidos e, em particular, uma mulher em casaco de peles, apesar do calor tórrido que se faz sentir.

Estas primeiras páginas revelam o tema central da narrativa, o cruzamento entre poder económico, grupo social e étnico, que Bambara tratará com humor e até algum sarcasmo, através das observações, sonhos e reticências deste grupo de jovens negros.

3. Consciência social, revolta e frustração

A atitude de contrariedade do grupo muda radicalmente, perante a loja de brinquedos, onde o seu interesse é magnetizado pela variedade dos apetecíveis artigos em exposição:

'This is the place,' Miss Moore say, presenting it to us in the voice she uses at the museum. 'Let's look in the windows before we go in.' 'Can we steal?' Sugar asks very serious like she's getting the ground rules squared away before she plays. 'I beg your pardon,' say Miss Moore, and we fall out. So she leads us around the windows of the toy store and me and Sugar screamin, 'This is mine, that's mine, I gotta have that, that was made for me, I was born for that,' till Big Butt drowns us out. (Bambara 89-90)

O preço exorbitante dos artigos expostos, em particular do pesa-papéis, espanta Rosie Giraffe e escandaliza Sylvia, que desvaloriza o objeto:

'This here costs four hundred eighty dollars,' say Rosie Giraffe. So we pile up all over her to see what she pointin out. My eyes tell me it's a chunk of glass cracked with something heavy, and different-color inks dripped into the splits, then the whole thing put into an oven or something. But for \$480 it don't make sense. 'That's a paperweight made of semi-precious stones fused together under tremendous pressure,' she explains slowly, with her hands doing the mining and all the factory work. (Bambara 90)

Os jovens conversam, animadamente, a propósito do pesa-papéis e da sua função,

notando-se que, no seio do grupo, existem diferenças económicas significativas: Junebug não possui uma secretária, Flyboy queixa-se de que nem casa tem, e apenas Mercedes afirma, com uma pontinha de orgulho, que é detentora de material de escritório. Perante esta revelação e o desejo de voltar à loja no dia do seu aniversário, Mercedes é afastada pelos colegas, um pequeno indício da tensão que a diferença de rendimentos e, implicitamente, de estatuto, gera entre os jovens.

Nenhum dos objetos mesmeriza tanto os adolescentes como uma miniatura de um barco, descrita nestes termos:

So once again we tumble all over each other to gaze at this magnificent thing in the toy store which is just big enough to maybe sail two kittens across the pond if you strap them to the posts tight. We all start reciting the price tag like we in assembly. 'Hand-crafted sailboat of fiberglass at one thousand one hundred ninety-five dollars.' (Bambara 91-92)

Pela primeira vez, Sylvia reage ao que observa, com incredulidade: "Unbelievable," I hear myself say and am really stunned. I read it again for myself just in case the group recitation put me in a trance. Same thing. For some reason this pisses me off" (Bambara 92). Este aborrecimento dá lugar a uma outra emoção, o desdém: afinal, argumenta a narradora, para quê pagar 1195 dólares por um barco que qualquer um pode construir por uma quantia radicalmente inferior, como cinquenta cêntimos?

Sylvia sente-se constrangida ao entrar na loja, apercebendo-se de que não pertence àquele estabelecimento, frequentado por euro-americanos com posses. Uma mescla de emoções, desde o medo ao embaraço, invade-a:

So me and Sugar turn the corner to where the entrance is, but when we get there I kinda hang back. Not that I'm scared, what's there to be afraid of, just a toy store. But I feel funny, shame. But what I got to be shamed about? Got as much right to go in as anybody. But somehow I can't seem to get hold of the door, so I step away from Sugar to lead. But she hangs back too. And I look at her and she looks at me and this is ridiculous. I mean, damn, I have never ever been shy about doing nothing or going nowhere. (Bambara 93)

É significativo que Sylvia compare esta experiência à sua entrada numa igreja católica: em qualquer dos casos sente-se constrangida e estranha ao lugar, como se não tivesse o direito de pertencer ali.

Ao ver Sugar percorrer com um dedo o barco, Sylvia experiencia a inveja e, logo a seguir, a ira, expressa nesta pergunta direta a Miss Moore, feita em tom zangado: "Watcha bring us

here for, Miss Moore?" (Bambara 94). A professora sorri, indiciando que estava a conseguir atingir o seu objetivo: suscitar a indignação dos jovens perante a diferença abismal entre as classes económicas. Neste contexto, sublinho que diversos contos de *Gorilla, My Love* apresentam personagens que pretendem fazer as restantes refletir ou agir. Penso, por exemplo, em Miss Ruby em "Playin with Punjab," Betty Butler em "Talkin Bout Sonny" ou no grupo de jovens políticos de "My Man Bovanne". Em qualquer dos casos, a educação e a consciencialização caminham a par, e ambas requerem uma mudança de atitude.

Sylvia percorre a loja, cada vez mais furiosa perante a exorbitância dos preços, como o do palhaço de 35 dólares. Imagina o espanto da mãe, se lhe pedisse que comprasse aquele brinquedo: "You wanna who that costs what?, she'd say, cocking her head to the side to get a better view of the hole in my head" (Bambara 94). Em sua casa, tal quantia seria utilizada para cobrir os custos domésticos, e não gasta em frivolidades.

A adolescente interroga-se, talvez pela primeira vez com consciência disso, acerca do grupo social abastado que poderia adquirir aqueles brinquedos: "Who are these people that spend that much for performing clowns and \$1,000 for toy sailboats? What kinda work they do and how they live and how come we ain't in on it?" (Bambara 94).

Porém, Miss Moore, espécie de representante da consciência social, persiste na sua lição, sem nunca cair no tom didático (May 102). Em vez disso, convida a grupo a refletir: "Imagine for a minute what kind of society it is in which some people can spend on a toy what it would cost to feed a family". Sugar responde, em nome de todos: "This is not much of a democracy if you ask me. Equal chance to pursue happiness means an equal crack at the dough, don't it?" (Bambara 95). O cerne desta aula informal reside precisamente nas contradições de uma democracia onde existem assimetrias económicas tão vincadas entre os cidadãos, e onde a pobreza e a riqueza coincidem com os grupos étnicos afro e euro-americanos.

Sylvia preferiria não ter de enfrentar esta nova realidade, que em simultâneo a humilha e a torna mais consciente, e abandona a loja sob uma mistura de sentimentos contraditórios: raiva, frustração, vergonha (May 102). Contudo, já em Harlem, a adolescente jura para si própria: "ain't nobody gonna beat me at nuthin" (Bambara 96). Estas palavras, transbordantes de orgulho ferido, constituem uma prova evidente de que, no fim de contas, Sylvia aprendeu a lição que Miss Moore lhe deu. Porque, como argumenta Linda Christensen:

Miss Moore provides the kind of education that happens when students confront real-world issues. When the curriculum, instead of satanizing the past and excluding the present, holds a mirror to students' lives so that the inequality and injustice students experience starts to breathe in the classroom, students wake up. (Christensen 105)

Bibliografia

- Bambara, Toni Cade. *Gorilla, My Love*. London: The Women's Press, 1977.
- Christensen, Linda. *Teaching for Joy and Justice: Re-imagining the Language Arts Classroom*. Milwaukee: Rethinking Schools, 2009.
- Chick, Nancy L. "Difference, Privilege and Power in the Scholarship of Teaching and Learning: The Value of Humanities SOTL." *The Scholarship of Teaching and Learning in and Across the Disciplines*. Ed. Kathleen McKinney. Bloomington: Indiana UP, 2013, 15-33.
- Elliott, Paul, and Michael Eric Dyson. *Come Hell or High Water: Hurricane Katrina and the Color of Disaster*. New York: Basic Civitas Books, 2010.
- Hudley, Anne H. Charity, and Christine Mallinson. *We Do Language: English Variation in the Secondary English Classroom*. New York: Teachers College Press, 2013.
- May, Charles E. *The Short Story: The Reality of Artifice*. New York: Routledge, 2002.
- Palser, Barb. *Hurricane Katrina: Aftermath of Disaster*. Minneapolis: Compass Point Books, 2007.
- Spriggs, William E. "Issues and Views. Poverty in America: The Poor are Getting Poorer." *The Crisis* 131.1 (Jan.-Feb. 2006): 14-19.

Sinopse

Os Estados Unidos da América constituem uma nação multicultural, onde convivem os mais variados grupos étnicos: ameríndios, negros, euro-americanos, etc. A literatura aborda este universo, refletindo acerca de fenómenos como a identidade, o racismo ou a assimilação. Nesta obra, João de Mancelos estuda doze contos, da autoria de Toni Cade Bambara, Maxine Hong Kingston, Rudolfo Anaya, Sandra Cisneros, Sherman Alexie, Katherine Vaz, entre outros. Tais narrativas são analisadas num estilo vivo e acessível, proporcionando ao leitor uma introdução cativante às letras e à sociedade estadunidense.